

EM FOCO

ARTES CÊNICAS NEGRAS
NO BRASIL: DAS MEMÓRIAS
AOS DESAFIOS NA
FORMAÇÃO ACADÊMICA

BLACK PERFORMING
ARTS IN BRAZIL: *FROM
MEMORIES TO CHALLENGES
IN ACADEMIC FORMATION*

AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO

CONRADO, Amélia Vitória de Souza.
Artes cênicas negras no Brasil: Das memórias aos desafios na formação
acadêmica.
Repertório, Salvador, ano 20, n. 29, p. **68-85**, 2017.2

RESUMO

O texto faz uma abordagem crítica sobre as artes cênicas no Brasil, por meio de questionamentos e reflexões acerca do paradigma científico branco-europeu nesse campo de conhecimento. Ao tratar de aspectos que se referem à história e produção do teatro e da dança negra, assim como os artistas, grupos, espetáculos, repertórios e dramaturgias, a proposta deste artigo surge para afirmar a ação dos artistas negros enquanto movimento de negritude, que envolve desde as formas existentes das manifestações artístico e culturais negras nas suas expressões comunitárias presentes em diversas localidades, até as formas dramatúrgicas que se expressam nos palcos, como espetáculos. enxergando o espaço acadêmico como ambiente estratégico para a proposição de estudos de poéticas em diferentes formas de expressão e conceitos, consideramos imprescindível a ação mobilizadora da comunidade negra acadêmica em luta pelos direitos sociais, nos quais o pensamento crítico das artes negras revela uma epistemologia e metodologia capaz de contemplar e compreender a trama de diálogos impregnados por tensões sociais, políticas, existenciais e históricas, nas quais as artes detêm uma qualidade questionadora.

PALAVRAS-CHAVE:

Artes Cênicas. Negritude.
Formação Acadêmica.

ABSTRACT

The text takes a critical approach on performing arts in Brazil through questionings and reflections about the white-european scientific paradigm on this field of knowledge. In dealing with aspects which refer to the history and production of the theater and black dance as well as the artists, groups, spectacles, repertoires and dramaturgy, the proposal of this article comes to affirm the action of black artists while black movement that involves from existing forms of black artistic and cultural manifestations in their community expressions present in various locations to dramatic forms which express themselves on stage as spectacles. Seeing academic space as a strategic environment for the proposal of poetics study in different forms of expressions and concepts, we consider indispensable the mobilizing action of the black academic community in struggle for social rights in which critical thinking of black arts reveals an epistemology and methodology able to contemplate and understand the web of impregnated dialogues by social tensions existential and historical policies where the arts have a questioning quality.

KEYWORDS:

*Performing Arts. Blackness.
Academic Formation.*

AS ARTES negras têm uma importância inquestionável na nossa construção histórica, estética e formativa enquanto sociedade brasileira, porque contribui como um conhecimento e uma produção no campo do sensível, desdobrando-se por diversas formas de expressão de danças, teatros, músicas, literaturas, poesias, objetos, tecnologias artísticas, modas, entre outros.

Partindo desse pressuposto, o debate que este texto se propõe a abordar irá recuperar fatos do passado, para chegarmos à compreensão do presente. Contudo, começamos pela questão conceitual daquilo que denominamos “artes cênicas negras”, que se trata do conjunto de repertórios, iniciativas, poéticas, dramaturgias de formas expressivas, criadas e difundidas enquanto teatro e dança produzidos por pessoas negras em especial, mas também aquelas que se identificam, se engajam em nossa realidade e são descendentes de africanos no Brasil vindos desde os tempos da colonização, nos quais temas e conteúdos constituem uma estética que leva à questões culturais, existenciais, simbólicas, políticas, rituais do africano e afro-brasileiro. Sublinhamos que as formas de concepção e apresentação dessas expressões transformam-se conforme os estudos, as pesquisas e as percepções conceituais no decorrer do tempo.

Ao nível de contextualização histórica, os povos negros africanos aqui submetidos à colonização e escravização branco-europeia, encontraram em suas práticas de danças, teatralizações, ritualidades, jogos, lutas e jogos de lazer oriundos de seus costumes comunitários, um meio estratégico de resistência e afirmação

cultural, pois o direito à liberdade era cerceado. Mesmo com as formas de punição, perseguição e discriminação pelo colonizador às práticas artísticas negras, permanecem na contemporaneidade com modos reinventados e novos significados.

Chegando ao momento atual, este texto busca verificar os motivos pelos quais o conhecimento afro-brasileiro no âmbito da formação acadêmica, sobretudo nas Escolas de Teatro e Dança, Música e Artes Visuais, na universidade pública em Salvador, estado da Bahia, ainda tem sido pouco incorporado aos conteúdos dessas escolas, mesmo com a existência e aprovação de leis de reparação e programas de políticas e ações afirmativas resultantes de nossos processos de lutas sociais. O ser negro em nosso país depara-se com uma “identidade de difícil assunção, porque além do desejo de uma unidade nacional, existe a subordinação das diferenças, para dificultar a construção da identidade própria, da autoestima e do autoconceito”, explicando Silva (2011, p. 93).

Precede apontar que as relações de poder existentes nos espaços acadêmicos ainda hoje são marcadas pelo “colonialismo epistemológico” e pela discriminação e preconceito à presença negra nesse ambiente e aos conhecimentos, haja vistas que, no cotidiano, existem comportamentos e atos de racismo de professores, de diretores, de estudantes à funcionários, à estudantes, à professores dessa referência étnica e cultural.

Urge a necessidade de se analisar com profundidade todas as instâncias em que esse processo se desenrola e buscarmos instrumentos para superar e mudar o que, de outra forma, está estabelecido. Estamos certos de que esta não atende à pluralidade de interesses dos sujeitos os quais hoje constituem a comunidade de convivência universitária.

Fazendo um paralelo em termos de tempos históricos, vamos lembrar que, no ano de 1934, na cidade do Recife, liderado pelo sociólogo Gilberto Freyre e idealizado pelo ativista e poeta Solano Trindade, o I Congresso Afro-Brasileiro inaugurou pensamentos, marcos conceituais e reuniu intelectuais e comunidades representativas da arte e cultura negra, o que resulta, desse evento, novos rumos que se desdobram para a dança e o teatro negro.

Assim como o evento nos anos 1930, em 2017, aconteceu, no decorrer de uma semana, o I Fórum Negro das Artes Cênicas, o qual contou com a participação de cientistas e artistas negros que se sentaram às mesas, rodas de conversas e palcos, relatando dramas de luta e superação existencial e profissional. Cada um de nós vive no cotidiano essa opressão, mas isso não desanima, pois temos alguns resultados exitosos, os quais queremos sublinhar.

Vale ressaltar que, no Brasil, os grupos teatrais e de dança que trabalham com a cultura negra na perspectiva de apresentação cênica são anteriores ao surgimento dos cursos das Escolas de Artes nessas especificidades, o que nos leva a problematizar por quais motivos esses conhecimentos não integraram os currículos dessas instituições e ainda são pouco acessados. Citamos como exemplo o surgimento do Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro em 1944, sob a direção de Abdias do Nascimento.

Para ensaiar algumas respostas a esse enunciado, torna-se imprescindível recorrer a uma literatura que dê conta do debate étnico-racial por autores referenciados em diferentes áreas de estudos, como a Antropologia, Sociologia, Arte, Educação, Comunicação, uma vez que, em todas elas, já se encontram produções desenvolvidas por pessoas pertencentes a essa referencialidade e outras sensíveis e engajadas ao tema.

Motivados pelo processo de presença, conquista e reivindicações de estudantes, professores negros do curso de Teatro e daqueles engajados e sensíveis à causa negra local e de outras regiões, ocorreu, na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atividades com intensa programação, o I Fórum Negro das Artes Cênicas, como ação mobilizadora e deflagradora de uma pauta que vem sendo discutida nas instâncias superiores dessa referida escola e universidade. Esse fórum propôs uma metodologia diferenciada das formas tradicionais de encontros científicos, na qual as reuniões foram motivadas por dinâmicas que proporcionaram rico movimento de encontros, produção de documentos que vêm nos levando a ousar e “trans – formar”.

Citamos, dentre os convidados, significativas representações da docência no campo das artes, como Inaicyr Falcão, da Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp); Rosângela Malachias, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Toni Edison, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Carlindo Fausto, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab); Licko Turle, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); Ricardo Biriba, da UFBA, Ivani Santana e o Grupo de Pesquisa Poéticas Tecnológicas Corpoaudiovisual, da UFBA. Das participações que representam coletivos artísticos, citamos o ator e diretor Hilton Cobra (Cia. Negra Teatro Comuns), a diretora Fernanda Júlia (Núcleo Afro brasileiro de Teatro de Alagoinhas), o ator e diretor Angelo Flávio (Cia. Abdias do Nascimento) e, ainda, os editores Marcus Guellwaar (Ogun's Toques Negros) e Diego Pinheiro (Revista Barril). Além dos nomes expressivos, existem outros ainda desconhecidos e/ou invisibilizados que se somam à construção desta epistemologia e metodologia das artes cênicas negras na Bahia e no Brasil.

Trazendo uma memória desse campo de estudos, recorreremos aos doutores da área da Antropologia, Kabengele Munanga e Maria de Lourdes Siqueira, através de suas obras que nos alimentam com sabedorias, intelectualidades e rigor científico.

O livro *O negro no Brasil de hoje*, de Munanga e Gomes (2006, p.199), no capítulo sete, anuncia: “Homens e mulheres negros: notas de vida e sucesso”, e numa sequência de ricas informações, vão questionando, “quantos homens e mulheres negras colaboraram para a construção do nosso país?”. A nossa sociedade sabe, e como tal respondem os autores, “muitos nomes nem foram registrados, muitos passaram pela história no anonimato sem perder seus ideais...”.

Dentre indagações, emerge uma lista de personalidades e sínteses de suas biografias do campo da literatura, do teatro, da dança, da música e das artes visuais, que merecem ser lembrados pelas gerações atuais e futuras.

Como exemplo, temos o artista, intelectual e militante Abdias do Nascimento, que nasceu no interior paulista (1914-2011), e dentre seu legado de atuações, está a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944.

Abdias é autor de livros que contribuem ao debate das referências negras no campo das artes, como as obras *Sortilégios*, *dramas para negros e prólogo para brancos*, *O negro revoltado*, entre outros.

Quem pode esquecer o artista do teatro e do cinema, Grande Otelo, cujo nome é Sebastião Bernardes de Souza Prata, nascido em 1915, na cidade mineira de Uberlândia, que, para ir em busca do sonho de ser ator, seguiu para os centros de Rio de Janeiro e São Paulo...

Da atriz Léa Garcia, filha da famosa modista Stella Lucas Garcia, na zona sul carioca, casada com um bombeiro, a qual fazia suas criações e as vestia com gosto e sofisticação. A sua única filha, Léa, era vestida com capricho, apesar da família ter poucos recursos. As circunstâncias lhe levam a estudar, aos 16 anos, num colégio conceituado, e ali conhece Abdias e Guerreiro Ramos, que fundaram o TEN, instituição marco da história do teatro negro no Brasil. Léa, deslumbrada com as tardes de poesias e de espetáculos dirigidos por esses jovens artistas, faltava às aulas do colégio para desfrutar; tal fato leva seu pai a expulsá-la de casa quando este descobre as ocorrências, mas isso não a impediu de se revelar e seguir sua carreira como atriz.

A obra de Munanga e Gomes (2006, p. 210) atualiza e concentra dados de significativos nomes de artistas, como Milton Gonçalves, Mestre Didi, Mãe Stela, Pixinguinha, Milton Santos, Ruth de Souza, Zezé Mota, Cartola – Agenor de Oliveira, autor de sambas e fundador da Estação Primeira da Mangueira, os quais precisam ser estudados e integrar os campos de investigação que se desdobrem em produção de artigos, livros, monografias, dissertações e teses, pois representam histórias de lutas, superações e talentos artísticos que a universidade pode conhecer, aprender e admiti-las enquanto memórias de vidas negras e ensinamentos.

Sobre memória africana, a pesquisadora Siqueira (2006), reportando-se ao que Amadou Hampâté Bâ, pensador africano das savanas do Mali, se dedicou aos estudos de sociedades africanas e a ancestralidade de povos de tradição oral, que afirma, detêm uma fidelidade e precisão em suas observações quanto aos acontecimentos, caso houvesse uma história contada em que a memória não registrou o conteúdo, mas as cenas são inesquecíveis, “[...] a atitude do narrador,

sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente, a exemplo dos sons da guitarra griot”. (SIQUEIRA, 2006, p. 13)

Pautando-se nas informações que esse pensador oferece, verificamos nossas peculiaridades culturais na Bahia, território de herança e recriação africana, e constatamos que está em nossos costumes a forma de contarmos um fato, uma história, imprimindo, nos gestos corporais, uma carga de expressividade que nos diferencia enquanto uma postura ou jeito de ser próprios. Ao mergulharmos nas heranças das manifestações culturais, encontramos sob diferentes formas expressivas, vistas em personagens dos autos de Bumba-meu-boi, Cavalo Marinho, Marujadas, Cheganças ou Nau Catarineta, Nego Fugido, Samba Nego ou Lambe Sujo, Reisados, Guerreiros, entre outras, ricas narrativas, dramaticidades, gestualidades nas quais os corpos expressam-se enquanto performances brasileiras. (LIGIÉRO, 2011)

O “Nego Fugido”, manifestação do interior baiano, situada na localidade do Acupe, colabora para reflexões críticas da relação entre culturas populares tradicionais e desenvolvimento comunitário. Para tanto, os aportes dos estudos culturais e artes negras, seja das manifestações, das poéticas e das performances contemporâneas em diálogo com o debate da educação para as relações étnico-raciais, coloca-se em questão a condição social das comunidades negras e os fatores que impedem as mudanças de comportamento e ascensão social diante da realidade, na qual encontramos uma vasta pesquisa acerca desta manifestação nos estudos de Pinto (2014). É nesse sentido que o estudo da produção cênica negra vem sendo pensada, refletindo os fatores que fazem com uma comunidade a qual teatraliza a luta por liberdade pela ritualização do Nego Fugido, que pode se rebelar diante das condições precárias de sua vida real, estabelecendo um paralelo entre a condição do negro no passado e na atualidade.

Avançando ao que se propõe este trabalho, vamos situar as transformações em curso nas instâncias do Ensino Superior, no qual a UFBA, que tem uma importância histórica por ser pioneira nos cursos de Dança, Teatro e Belas Artes no Brasil, vem paulatinamente implementando programas de ações afirmativas em resposta às demandas locais, que ainda se configuram como insuficientes.

MOVIMENTO NEGRO E A LUTA POR POLÍTICAS AFIRMATIVAS EM UNIVERSIDADES

Existe uma produção de artes cênicas negras na África, e, em sua diáspora, se tomarmos um exemplo, pode-se apontar o marco do I Festival Mundial de Artes Negras, em Dakar, no Senegal, em abril de 1966, idealizado pelo escritor e político revolucionário Léopoldo Sédar Senghor – nascido em Joal-Fadiout no Senegal, e governou esse país de 1960 a 1980. Através da realização desse encontro internacional de artes negras, as lideranças se articulavam, criando diálogos e estratégias de lutas para libertação dos países africanos que ainda encontravam-se nos regimes de colonização europeia e o combate ao racismo nos diversos países do mundo.

Esse intelectual propôs a teoria da negritude, a qual se constitui pelo “conjunto de valores culturais, socioeconômicos e políticos da África, que caracterizam o povo negro, ou mais precisamente, o mundo negro africano”, conforme explica Siqueira (2006, p. 29). Trazendo detalhes retirados da obra *Indépendances Africaines*, dos autores Maylin, Mbassi e Laffont (2010), no capítulo sobre os movimentos literários iniciados por Aimé Césaire da Martinica e Léon-Gontran Damas das Guianas, que, juntamente a Senghor, lançam o movimento de negritude, levando os intelectuais negros a fazerem conhecer e reconhecer os seus valores culturais.

Vale citar, dentre as várias obras de Senghor, a criação em conjunto com seu colega Alioune Diop, em 1947, como produção pan-africana, a revista *Presença Africana*. Depois da morte de Alioune, em 1980, sua mulher, Christiane Yandé Diop, prossegue com a direção da revista.

Este forte movimento de ações negras que Léopold Senghor lidera, pautando-se numa intelectualidade científica pela literatura e artes negras, serve como armas de ações estratégicas ao campo de lutas e conquistas negras.

Se computarmos em tempo cronológico, partindo do I Festival de Artes Negras em Dakar até a contemporaneidade, podemos afirmar que é passado meio século

e permanecemos construindo e afirmando uma ciência e arte que difere dos padrões e pensamento europeu. Sabemos escrever textos teatrais, tecnologias para as cenas, poéticas e dramaturgias, técnicas de preparação corporal e expressão de atores, enfim, todos os elementos que constituem a ação e produção teatral, contudo estas partindo de nossas referencialidades culturais que oferecem um campo de pesquisas, conhecimentos e inspirações.

Essa intelectualidade negra vem sendo argumentada enquanto episteme que busca, nas civilizações africanas, suas bases históricas, filosóficas, técnicas e culturais e nos meios de enfrentamento e superação das desigualdades em que os afrodescendentes encontram-se nas realidades em que vivem.

Pautando-se nas ideias de Frantz Fanon, revolucionário, nascido na Ilha da Martinica, em 1925, que lutou junto às forças de resistência na África e na Europa na Segunda Guerra Mundial, realizou estudos na área da Psiquiatria e Filosofia na França, onde morreu prematuramente de leucemia. Suas ideias estimularam e continuam influentes no pensamento político e social, nos estudos culturais e filosofia de hoje. Nas primeiras linhas do seu livro *Peles negras, máscaras brancas*, é registrado que “[...] houve época em que um professor universitário norte-americano que tentasse abordar a obra de Franz Fanon em um ambiente acadêmico estaria sujeito a perder o emprego”. (FANON, 2008, p. 11) Essas e outras formas de repressão marcam a trajetória negra. O pensamento de Fanon influenciou intelectuais brasileiros e da latino-américa, e acredita-se que suas ideias encontram-se incorporadas a obras revolucionárias, como por exemplo, a *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire.

A título de acompanharmos o que vem se dando junto à UFBA e em outras instituições do ensino superior, elucidaremos algumas iniciativas oriundas da conquista de políticas afirmativas.

É fato que, nas diversas unidades da UFBA, vem sendo deflagrado uma luta pelos estudantes, professores, funcionários, comunidade em geral engajados na exigência de mudanças e revisão dos currículos dos cursos, o que culmina na aprovação de algumas vagas em concursos nestas especificidades.

Como última medida, foi à aprovação, em 11 de janeiro de 2017, da Resolução nº 01/2017, reservas de vagas para processos seletivos da pós-graduação *stricto sensu* da UFBA. No curso de Pedagogia, no Departamento de Educação I da Faculdade de Educação, cuja área de conhecimento “Educação e Relações Étnico-Raciais”, o Edital 01/2016, publicado no *Diário Oficial da União* (DOU), de 25 de fevereiro de 2016, fez com que se realizasse as provas nessa área específica e aprovação de docente. Consideramos uma vitória após anos de lutas.

Ao mesmo, pode-se constatar pela realização, na Escola de Dança da UFBA, do concurso na área de conhecimento “Estudos do Corpo com ênfase em Danças Populares, Indígenas e Afro-brasileiras”, através do Edital 01/2016, cujo resultado em primeiro e segundo lugar são das professoras mestras Marilza Oliveira e Vânia Oliveira, primeiras professoras negras a serem aprovadas em concurso à docência nessa escola que possui mais de 60 anos de existência.

Além desses novos resultados, constatamos que, na Faculdade de Ciências Humanas no Departamento de Antropologia e Etnologia, aconteceu o concurso na área de conhecimento “Antropologia com ênfase em Etnologia Indígena”, pelo Edital 01/2016 – Inclusão nº 04, publicado no DOU de 25 de fevereiro de 2016.

E por último, na Universidade de Integração Luso Afro Brasileira (Unilab), é realizado um concurso público voltado à “Metodologia do Ensino e da Pesquisa sobre Capoeira e Samba”, o que demonstra, na atualidade, uma tênue abertura para transformação nessas unidades de ensino e pesquisa. Trazemos para somar-se no nível de informações que o curso de licenciatura em Educação Física da UFBA, desde os anos de 1978, tem as disciplinas “Capoeira I e II” implantadas a este currículo, o que demarca um espaço pioneiro.

Enfim, essas novas proposições demonstram avanços ao processo de mudanças que se inicia, todavia existem posturas contrárias e resistência de professores que carregam ainda o pensamento racista, o qual precisa ser eliminado e combatido.

A presença de estudantes negros em todas as áreas de conhecimento no cotidiano das universidades brasileiras, sobretudo após a conquista do acesso pela política de

cotas, tem obrigado os campos de formação a dialogar com referências que possam responder às questões colocadas por seus protagonistas nesses ambientes.



DANÇA CÊNICA NOS CURRÍCULOS DAS UNIVERSIDADES, QUAL O SEU LUGAR?

Encontramos uma pesquisa que se volta à produção de dança cênica no período da ditadura militar, no estudo de dissertação intitulado “Estratégias poéticas em tempos de ditadura: a experiência do Grupo Experimental de Dança de Salvador-BA”, da professora Lauana Vilaronga Cunha de Araújo,¹ orientado pela Dra. Eliana Rodrigues Silva. Na introdução, a autora expõe que a dança cênica na Bahia é recente e constituída de acontecimentos, entretanto com poucas fontes de documentação e estudo. (VILARONGA, 2008, p. 14)

A densidade da pesquisa e detalhamento de dados importantes para configuração e entendimento de uma história das artes cênicas na Bahia, nos levam ao subitem do capítulo dois da dissertação, “A experiência teatral e as políticas culturais ao longo das administrações estaduais para a cultura”, no qual encontramos o seguinte:

em Salvador, paralelo ao cerceamento das produções artísticas pelos órgãos de censura, criou-se em meados da década de 1960 um espaço criativo com atmosfera experimental conformada pelos ícones ideológicos da juventude da época. (VILARONGA, 2008, p. 56)

O campo de tensionamentos no qual pesquisadores contemporâneos se dedicam aos estudos históricos de personalidades e artistas negros do teatro e da dança, bem como os grupos e produções cujas estéticas partem da imersão em mitologias, símbolos ou situações existenciais e políticas da realidade do negro em nossa sociedade, justifica-se por uma busca em construção de um pensamento

1 A autora é docente do curso de Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Campus de Jequié. A referida dissertação foi orientada pela Prof^a Dr^a Eliana Rodrigues.

artístico em artes cênicas que responda à necessidade de segmentos e setores sociais desprestigiados – em termos da nossa realidade social – e precisam ser acolhidos na dinâmica científica, visto que produzem arte e através dela, viabilizam intervenções significativas no plano da cidadania, da mobilidade de grupos marginalizados e promovem uma autoestima e representação social.

Retomando aos estudos de Vilaronga (2008, p. 57), ela relembra que, “em Salvador, a dança cênica encontrou espaço de experimentação criativa e posicionamento político e social, ao tempo em que outras linguagens eram duramente reprimidas e censuradas nos anos de chumbo”. Isso reforça o que em nossa realidade se dá, ou seja, apesar da opressão e os mecanismos de recalque às artes e cultura negra, os agentes comunitários, as lideranças e os campos de formação de bases permanecem resistindo e mostrando formas de manutenção de suas expressões cênicas.

As informações históricas da obra em foco, referindo-se à dança moderna, balé e cultura popular, dizem que, em 1962, surge a primeira experiência dos grupos folclóricos a partir da pesquisa estética da professora e etnomusicóloga Emília Biancardi, e ressalta que, “desde os primeiros momentos do Viva Bahia, em 1962 até 1981, surgiram cerca de dez novos grupos folclóricos na cidade”. (VILARONGA, 2008, p. 76) Tal fato foi a abertura para um novo conceito e proposição estética nesse campo artístico, o que ainda se pode ver em continuidade desta ideia aos dias de hoje. Como ressalta a autora, a qual identifica os grupos que surgiram a partir do pioneiro são “o Afonjá (1967), o Olodum Maré (1969), o Capoeiras da Bahia (1974), o Grupo Balú do Sesc-Senac (1974) e o Odundê (1981). Este último foi criado na Escola de Dança da UFBA por Conceição Castro no período em que o GED residia nesta instituição”. (VILARONGA, 2008, p. 76)

As universidades exercem um papel importante de crítica à realidade e caminhos para mudança. A história da dança e do teatro negro na cena baiana está iniciando seu processo de registro e reflexões críticas, o que almejamos prosseguir, se valendo dos recursos que a investigação acadêmica dispõe. (FERRAZ, 2012)

Como um exemplo de caminho histórico, abordamos a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), universidade de instância estadual com sede na

cidade de Vitória da Conquista, mesorregião do centro-sul do estado da Bahia. É considerada a terceira cidade do estado, comportando uma população de 308 204 habitantes, conforme a contagem da população no de 2007, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

É constituída por mais de dois *campi*, ou seja, um na cidade de Jequié, que é um polo comercial e de serviços da região e outro na cidade de Itapetinga, que tem investimento enquanto um polo pastoril do estado.

Resultante de uma política de interiorização do Ensino Superior, a UESB integra um Plano Integral de Educação do Governo do Estado no qual, em 1969, foram fundadas as Faculdades de Formação de Professores em Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana e Alagoinhas, pois, até meados de 1960, existiam apenas duas universidades e algumas instituições de ensino superior isoladas.

Os anos se sucedem e pouco a pouco vão sendo instituídos outros cursos, buscando atender as necessidades da região, dentre os quais, em 2012, é criado o curso de licenciatura em Dança.

A existência de um curso de artes/dança nessa região tem um valor significativo em termos de acesso ao direito à arte enquanto profissionalização, atendendo tanto ao campo de produção, quanto ao ensino. Dessa forma, o curso volta-se a qualificá-los, a fim de que possam exercer o ensino na área, valendo-se de uma visão crítica e de consciência sociopolítica, para que prestem serviços e alcancem aprovação em concursos públicos para os quais a “licenciatura em Dança é pré-requisito, estando em condições de desempenhar adequadamente as respectivas atribuições”. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, 2016) Apesar de constatarmos que o currículo do referido curso contemple disciplinas como “Expressões Dramáticas da Cultura Popular”, “Arte Brasileira”, no que se refere às disciplinas de Técnicas de Corpo, cujos conteúdos da Dança Moderna e Dança Clássica são contemplados enquanto conteúdo obrigatório aos estudantes, o mesmo não acontece com a Dança Afro, que é um componente optativo, e, na nossa opinião, deveria ser oferecida no mesmo nível de prioridade que as demais técnicas.

As artes cênicas negras encontram desafios que vão desde manter a existência dos grupos, espaços e núcleos de formação culturais em que sujeitos os quais possuem notório saber encarregam-se da difusão de um legado, no qual a oralidade é um meio de transmissão de saberes e fazeres. Na dinâmica de acesso a tais conhecimentos, estes inspiram a criação de obras e novas formas do fazer artístico. De outra maneira, os espaços formais e seus sistemas de ensino, cujas normas, leis, regras, necessitam aprender com essas outras formas de educação e arte novas posturas, ensinamentos, convivência e produção.

As universidades responsabilizam-se pela formação dos futuros professores, o que requer atitudes de mudanças e comprometimentos para trabalhar disciplinas específicas que tratem dessa especificidade.

Acreditamos que, através da criação de linhas de pesquisa no nível de pós-graduação, a qual qualifica pesquisadores de alto nível, estes possam assumir orientações de pesquisas e promover a criação de grupos voltados aos estudos das artes cênicas negras. Para tanto, é imprescindível identificarmos, dentre pesquisadores nacionais e internacionais, aqueles que vêm dedicando-se a esse processo de construção, para que, em rede, possam atuar estrategicamente no fomento deste campo, sob diferentes olhares e perspectivas, incluindo-se ao que já vem sendo produzido na área. Dessa maneira, nos ensinam as lideranças do passado, que promoveram um movimento em que a arte negra e seu legado foram armas de consciência negra e atitude.

É chegado o momento da universidade brasileira reconhecer os valores das artes negras e imprimir diálogos com as diversas áreas científicas, como a Educação, Antropologia, Filosofia e outras que envolvem o referido campo.

A intensificação da política de ação afirmativa nesse espaço de formação torna-se urgente para nossa realidade, na direção de melhorar nossas práticas, convívios e diminuição do fosso existente entre o que os bens os quais a ciência privilegia, distantes da realidade social.

Isso implica em como formar artistas e professores na Bahia e noutras localidades do Brasil, se permanecermos apenas reproduzindo os aportes do teatro europeu e norte-americano, que são importantes, mas não são os únicos.

A contribuição negra na dança e no teatro aponta para o que se tem a conhecer, reconhecer e referenciar nos espaços de educação em todos os níveis, incluindo-se a instância superior.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta pela implementação das leis e políticas de ação afirmativa no Brasil vem permitindo, mesmo de forma desigual, que estudantes negros, indígenas, portadores de necessidades especiais e grupos que constituem a diversidade, ingressem no Ensino Superior, o que já aponta alguns resultados exitosos. A universidade brasileira vem mudando de cor, pois além da predominância do pensamento e sujeitos brancos, torna-se imprescindível que o pensamento negro e outros os quais participam da pluralidade do nosso país estejam no mesmo patamar de direitos e igualdade.

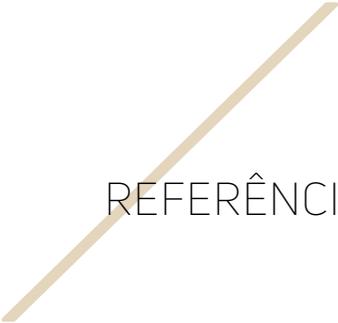
Apesar da arte teatral e da dança terem como princípio a liberdade de ser, criar, de relacionar-se e interagir na esfera da sensibilidade, na qual o corpo é o centro, contraditoriamente, constatamos aí uma prática de opressão, autoritarismo e negação.

Aquilo que vimos construindo e afirmando enquanto uma episteme africana no Brasil, cujas concepções são identificadas por suas abordagens e diferentes perspectivas, “afro-diaspórica”, “afro-brasileira”, “afro-centrada”, entre outras especificações, ressaltamos o que Sodré (2017, p. 220, grifo do autor) articula no campo nagô, que   “a marca o *cultural* de limiares para posi es singularizadas de crença e pensamento, portanto como a especifica o de um sistema de pensamento, que caracterizamos como uma *filosofia de diáspora*”. Pautados num campo de conflito gerado por situa es sociais, classe, econ micas, étnicas

e diferentes ideologias e atentos às fronteiras da diferença, verificamos o que o discurso das artes cênicas negras vem questionando através de suas obras.

A viabilidade de um campo de produção de diálogos do sensível nas artes requer uma política de regionalização, cultura e identidade, de forma a exercer uma distribuição de recursos públicos, equitativa e justa, superando a concentração aos chamados “grandes centros”, “polos econômicos” ou “grupos de elites”. As artes que têm nas suas obras a dimensão de objeto material são diferentes daquelas em que a efemeridade é o objeto resultante, como a ação do teatro e da dança. Estas passam por dificuldades para manterem-se economicamente, se pensarmos em termos de comercialização de seu produto, reprodução e profissionalização.

Sublinhamos como resultante de uma trajetória de luta dos artistas negros e pessoas engajadas a este movimento, estudantes de Teatro, Dança e dos demais cursos da UFBA e das outras universidades, que, ao longo desses anos, perseguem o direito de ingressarem ao espaço científico/acadêmico, o que se soma aos discursos, produções e referenciais da sua cultura de pertença, ou seja, do conjunto artístico e cultural do povo brasileiro, dentre os quais os afrodescendentes constituem uma significativa presença.



REFERÊNCIAS

ARAUJO, Lauana Vilaronga Cunha de. *Estratégias poéticas em tempos de Ditadura: a experiência do Grupo Experimental de Dança de Salvador-Ba*. 282 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FANON, Franz. *Pele negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. *O Fazer saber das danças afro: investigando matrizes negras em movimento*. 2012. 291 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.

LIGIÉRO, Zeca. *Corpo a corpo: estudos das performances brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MAYLIN, Maria; MBASSI, Jean-Pierre; LAFFONT, Geneviene. *Indépendances africaines*. Les portes du Soleil éditeur. France, 2010.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. Ação educativa. São Paulo, 2006.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Intelectualidade negra e pesquisa científica*. Salvador: EDUFBA, 2006.

PINTO, Monilson dos Santos. *Nego fugido: o teatro das aparições*. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista. "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2014.

SILVA, Ana Célia. *A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?* Salvador: EDUFBA, 2011.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

UNIVERSIDADE DO SUDOESTE DA BAHIA. *Artes: curso de Licenciatura em Dança*. Disponível em: <http://www.uesb.br/catalogo/artes_info.asp?cod=65> Acesso em: abr. 2017.

AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO: é Professora Doutora da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas, Repertórios Afro-Brasileiros e Populares (Gira). E-mail: ameliaconrado@ufba.br